

# FHC defende gastos com a saúde

*Presidente ataca burocracia e diz que é possível obter bons resultados com o Orçamento atual*

**Uberlândia (MG)** – O presidente Fernando Henrique Cardoso fortaleceu ontem a decisão da equipe econômica de diminuir em R\$ 1,3 bilhão os recursos da saúde no Orçamento de 1998, argumentando que o gasto per capita do setor dobrou em seu Governo, mas o atendimento não melhorou. Em três ocasiões, durante visita de quatro horas a Uberlândia, o Presidente preocupou-se em justificar a redução da verba: “O importante não é quanto gasta, mas no que gasta, se está gastando bem ou se está gastando mal.”

Ele disse ter “certeza” de que, com os mesmos recursos empregados hoje, é possível obter resultados mais “significativos”, admitiu que ainda existe corrupção no setor e condenou a burocracia do Ministério da Saúde. O ministro Carlos Albuquerque ouviu o discurso e não quis comentá-lo.

Na sua vez de falar, o ministro limitou-se a dar razão a Fernando Henrique. “Não é apenas de recursos que se faz a gestão da saúde.” Albuquerque foi, no entanto, um dos primeiros a alertar a Comissão Mista de Orçamento sobre o fato de a verba de 1998 ter ficado menor do que o valor autorizado pelo Congresso para este ano. A Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) em vigor veta a diminuição de recursos para a Saúde.

O Presidente afirmou também que não havia recebido o manifesto intitulado “Alerta à Nação”, que condena o corte no orçamento da saúde, assinado por todos os líderes da bancada governista na Câmara. “Não recebi, mas vou ler com toda a atenção”, declarou. Dois dos líderes que assinaram o manifesto acompanharam o presidente na viagem de ontem.

**CPMF** – O deputado Aécio Neves (PSDB) amenizou as críticas. “Não é um manifesto; é um documento de apoio à saúde”, disse, negando a intenção de votar contra a prorrogação da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF) até 1999, cujos recursos são destinados à saúde. O líder do PPB, Odélmo Leão, direcionou

seus ataques à equipe econômica.

O presidente deu também uma demonstração clara de não aceitar que Albuquerque siga o exemplo do ex-ministro da Saúde, Adib Jatene, de brigar por verbas com a equipe econômica. Segundo Fernando Henrique, o ministro conhece as dificuldades e sabe que “1 milhão a mais ou 1 bilhão” não vão resolver o problema da saúde no País.

“Saúde não é só dinheiro, saúde é muito mais do que isso, é qualidade de vida”, definiu o presidente. Fernando Henrique atacou os relatórios que só comparam o volume de verbas aplicadas, sem levar em consideração o uso. Ele cobrou dos profissionais de saúde “carinho” no atendimento ao povo mais pobre, lembrando que, para isto acontecer, não bastam aumento de salários e melhores equipamentos. “É preciso que haja um certo sentido de missão.”

**Ralos** – Fernando Henrique anunciou a decisão do Governo de reequipar as emergências dos hospitais e priorizar as verbas públicas para a revitalização dos postos de saúde. Para o presidente, é hora de fortalecer os postos de saúde, que são públicos, “desinflando os hospitais”. Fernando Henrique também deu ênfase à disposição em acabar com os “órgãos inúteis” ligados ao Ministério da Saúde, como fez com a Central de Medicamentos (Ceme).

De acordo com o presidente, a manutenção de funcionários “que não têm o que fazer” é um gasto inútil com o setor. Ele admitiu que parte da verba destinada à saúde não chega ao destino, “seja pela burocracia, pela morosidade e até mesmo pela corrupção”, afirmou que o Brasil não aceita mais procedimentos que não sejam “limpos e lícitos” e avisou: “Temos de ser capazes de controlar ralos”. Depois explicou que esses ralos são os gastos que não têm a ver com seus objetivos.

As declarações foram feitas durante a visita a Uberlândia, onde o presidente inaugurou a hidrelétrica de Miranda e um trecho do poliduto que liga São Paulo a Brasília.



**Fernando Henrique conversa com o ministro Carlos Albuquerque: “O importante é saber se está gastando bem ou se está gastando mal”**